

A PROVÍNCIA

Semanário

INFORMAÇÃO .. CULTURA .. RECREIO



Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 467
MONTIJO

DIRECTOR INTERINO
V. S. MOTTA PINTO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 256 — MONTIJO

SOBRE «O CHEFE»

Artigo Editorial do nosso jornal
de 2 de Fevereiro último

Com aquele título publicou «A PROVÍNCIA» no seu n.º 48 um artigo no qual se focavam socialmente determinados indivíduos que, guindados por força das circunstâncias a lugares de chefia, por má índole ou falta de méritos abusavam desses cargos, tornando-se «donos» daqueles que honestamente

Idealizamos por vezes, criamos uma imagem, estabelecemos um padrão, mas a ideia, essa imagem, esse padrão, não se entendem nunca, em nossa intenção, seja com quem for, singularmente.

Quando redigimos — O Chefe — quisemos aludir pessoalmente aos que — e tantas vezes, infelizmente sucede, estão no comando de situações que não merecem, estigmatizando conhecidos males e vícios sociais.

Julgamos, assim, ter posto no seu devido pé os nossos pontos de vista, não havendo motivos para insinuações alheias, más interpretações e melindres do sr. Dr. Augusto Neves dos Santos, ou doutrem.

Continuaremos na rota que traçamos sob o anseio apenas de contribuir com a independência e hombridade próprias do nosso carácter, através deste jornal, para o aperfeiçoamento moral da sociedade em que se vive nestes tão dolorosos e conturbados tempos, e isto como é compreensível, na medida das nossas forças por modestas que sejam.

precisam de trabalhar, já porque «aqueles chefes» não estavam apetrechados para assumir responsabilidades, já porque lhes faltam idoneidade e personalidade para traçarem directrizes que deveriam parecer justas, segundo aquelas normas morais e cívicas que devem subsistir no mundo em sociedade e muito especialmente que devem prevalecer na consciência daqueles que servem, chefiando.

Ora o sr. Dr. Augusto Neves dos Santos, mui distinto e conceituado médico em Montijo, sentindo-se atingido pelas nossas palavras, ao abrigo do Art.º 54 da Lei da Imprensa, requereu a notificação judicial do autor do artigo que nos apraz ser, para declararmos se tal artigo, no todo ou em parte lhe diz respeito.

Cumpre-nos desde já lastimar profundamente que este senhor, pudesse sentir-se atingido por quaisquer expressões ou frases daquele nosso artigo, pois mantemos pelo requerente da notificação muito respeito, quer pela sua vida profissional quer moral.

Desnecessário se torna esclarecer seja que passo for do referido artigo porque o conteúdo lhe é alheio, quer e até para qualquer outra pessoa, o que declaramos terminantemente.

Demais, logo quando da fundação deste jornal, prevenimos que a vida ou questões de particulares não seriam nele ventilados.

Assim temos feito e temos cumprido.

Os nossos artigos nunca visam A, B ou C, mas única e simplesmente problemas humanos, isto é genéricos, socialmente considerados.

A Imprensa da Província

Andamos há anos pelas colunas da Imprensa Portuguesa; se é certo que nelas pouco temos deixado, custar-nos-ia que não nos reconhecessem um mérito,

POR
ALVES MONTEIRO

possivelmente o único: a verdade expressa.

E quão difícil é, tantas vezes, a posição de quem se arroga a defender e expressar a verdade, nomeadamente na chamada pequena imprensa, nos pequenos semanários provincianos, cuja radiação se limita a um círculo estreito, círculo que engloba e confina os mais variados interesses e os pensamentos mais antagónicos!

Todos, e cada um, se julgam detentores da verdade, e quanto mais acanhada é a possibilidade gnósica, mais arrogante surge a sua opinião infundada. Esquecem-se que a Verdade Suprema é revelação que iniciados recebem, e que a relatividade da Verdade é inteligível consoante o ponto donde nos colocamos, a altura onde estamos.

(Continua na página 4)

O Nosso Primeiro Aniversário

Constituiu um verdadeiro êxito o número comemorativo do nosso primeiro aniversário.

«A Província», criança balbuciente no jornalismo português, ao entrar no segundo ano da sua existência, vai continuar a trajectória traçada, sem desfalecimentos, com a mesma tenacidade e desejo de bem cumprir a sua missão.

Sente-se, porém, mais forte, mais decidida, não só porque a idade vai subindo, como também pelo carinho e aceitação que de todos os lados lhe chegam.

O seu primeiro aniversário trouxe até ela tantas e tantas provas dessa simpatia que quantos nela trabalham se sentem desvanecidos, graços, impulsionados no caminho que vão seguindo.

Femos a consciência de que, embora por vezes hesitantes na marcha e titubean-

tes na tala, — como é próprio de quem mal entra na vida —, procurámos corresponder à expectativa da nossa aparição e fizemos jornalismo sincero, consciente, isento de subterfúgios e de subserviências.

Em tudo o que diz respeito a Montijo, — berço onde temos vindo ensaiando os primeiros haustos da nossa infância —, sentimos igualmente que a nossa tarefa não foi improdutivo e que, ainda que muito haja para fazer, alguma coisa já fizemos pelo seu progresso e pelo seu engrandecimento.

Assim vamos continuar. «A Província» continuará sendo o porta voz das aspirações locais, levando aos cantos de Portugal e do estrangeiro a certeza do valor e da importância da terra que lhe serviu de berço.

Da mesma forma, conti-

(Continua na página 2)

Crónicas Inquietas - 20

A Vergonha

— Sabem dizer-me o que é feito desta madama que noutros tempos tanto dominava e dirigia as pessoas de pura sensibilidade?

Dá-se um prémio avultado, como alvissaras, a quem a encontrar, sincera e despida de artificios.

À guisa de anúncio nas imprensas, corre-me no pensamento a observação.

Desloco-me à época da

POR
ÁLVARO VALENTE

minha geração... e pasmo! Como tudo neste mundo se modifica e transforma!

Praticam-se hoje certos actos com tamanha desfaçatez, (actos nunca vistos ou sempre condenados nas eras em que *vivi*), que julgo ter mudado de planeta!

O pagamento dum letrado no dia fixo constituía «obrigação sagrada». Ai do que faltasse... Perdia o crédito, e a vergonha colocava o devedor à beira do precipício e do desprezo geral.

Hoje, não se paga no vencimento, segue ao protesto, ou reforma-se e torna a reformar-se. Quem se incomoda com isso?

— Deixa andar. Não se falte à bola, ao cinema, às excursões, ao automóvel, à

(Continua na página 5)

PORTUGAL E OS ESTRANGEIROS

Muitos estrangeiros, ainda hoje, são de uma ignorância espantosa no que se refere ao nosso País, trocando «alhos por bugalhos» cada vez que se dão a falar desta «ocidental praia lusitana», cuja situação geográfica não raro desconhecem também.

Nesse aspecto, sobretudo os franceses, são de uma ignorância arripiante, tocando, por vezes, as raízes do inverosímil.

Contava o dr. Manuel Ferreira Cardoso, médico distintíssimo e notável artista, nos últimos anos do século passado e em princípios do actual, que, certo dia, em conversa com o célebre neurologista francês, dr. Charcot, este dissera: «— Sim, Portugal, província de Espanha...». O nosso compatriota não pôde deixar de interromper o sábio com

ar agastado: «— Que diz, Mestre? Portugal, província de Espanha!». Charcot, compreendendo o erro, emendou com certa timidez:

POR
PINTO DA COSTA

«Desculpe, Ferreira Cardoso, a minha distracção... E eu sem me lembrar que Portugal é uma província do Brasil...».

Segundo parece, o médico português, que estimava de véras Charcot, entendeu calar-se nesta altura, para não envergonhar mais o notável homem de ciência.

Nem só, porém, em matéria de geografia, os franceses se mostraram sempre os mais infelizes, se não ingratos, desconhecedores

do nosso belo País, cujos antepassados, no entanto, descobriram e reconheceram quase dois terços do mundo.

No tocante à nossa literatura e aos nossos clássicos, também eles lançam, a cada passo, para a rua aquilo que nós, muito portuguêsamente, designamos por autênticas bujardas.

Desde Voltaire aos nossos dias, mesmo os que estiveram em contacto com o nosso País, erram, em geral, em tudo quanto avançam e dizem.

Está neste caso, por exemplo, Dumouriez, que escreveu o «*Etat présent du Royaume de Portugal*», no século XVIII, e que disse com admirável afirmativa que Camões, valente espadachim e aventureiro des-

(Continua na página 4)

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Alcides Cunha

Montijo — Sarilhos Grandes

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.

R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO

Dr. Eduardo Gomes

Consultas todos os dias às 17 horas.
R. Machado Santos, 6-1.º
Telef. 026038 — MONTIJO

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11

Das 10 às 13 e das 15 às 18 h
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia

CLINICA DENTÁRIA

Dentes artificiais e consertos

Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr. M. Santos Cruz

Interno dos hosp. civis de Lisboa

Doenças da boca e dentes

Dentes artificiais

Consultas às 2.ªs e 6.ªs feiras

às 14 horas.

R. Bulhão Pato, 7 — Montijo

Dr. F. Sepulveda da Fonseca

INTERNO DE PEDIATRIA

(Doenças das crianças) dos

Hospitais Civis de Lisboa

Passou a dar consultas todos

os dias às 8 e às 15 horas na

R. D. Estefânia, 81 r/c.

Telef. 51589 LISBOA

Dr. Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto

Português de Oncologia.

Doenças das Senhoras

Consultas às 3.ªs e 6.ªs feiras

R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo

Todos os dias

Rua Morais Soares, 116-1.º

LISBOA Telef. 48649

Parteiras

Felisbela Victória Pina

Parteira - Enfermeira

Partos, injeções e tratamentos

Rua Sacadura Cabral, n.º 50

MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira

Parteira-Enfermeira

Diplomada pela Faculdade de

Medicina de Coimbra

Rua Tenente Valadim, 29-1.º

MONTIJO

Advogados

Dr. Alberto Cardoso do Vale

Escritório: Praça da República, 4

MONTIJO

Dr. Raúl Elias Adão

Montijo — Telef. 026 252

Praça do Quebedo, 1 - r/c.

Telef. 2240 — Setúbal

Tendo V. Ex.ª que efectuar
Seguros em qualquer ramo
não deixe de consultar

Luís Moreira da Silva

Rua Almirante Reis, 27

Telefone 026 114

MONTIJO

Montijo dia a dia

O Nosso Primeiro Aniversário

(Continuação da 1.ª página)

Ao Povo afeiçoado à construção da Praça de Touros em Montijo

Sei bem (porque tenho observado) que o povo da minha Terra está deveras interessadíssimo por ver iniciada esta tão ambicionada obra: A edificação da Praça de Touros.

Vejo e observo a ansiedade com que toda a gente de todas as camadas sociais procura saber o que se passa em redor dos bastidores burocráticos.

Na realidade, tem sido um problema difícil (não sei porquê), mas, pelo que me dizem, o caso tem de ser observado em muitas repartições, possivelmente os peritos técnicos terão também diversas repartições onde prestam serviços e daí a demora que se faz sentir.

E verdade que o projecto saiu do Ministério das Obras Públicas no dia 25 de Janeiro já devidamente despachado (isto já há um mês e tal), passando a outras repartições de menos categoria, e aí tem demorado o que se tem observado.

E assim tem estado uma população inteira dia a dia, semana a semana, esperando com ansiedade que alguma vez, não sabemos quando, o projecto chegue onde com toda a justiça já devia ter chegado.

Mas, paciência... A burocracia é assim... e isto é Montijo... Teremos que esperar.

É pena que o tempo vá passando, as horas vão correndo, as Festas se vão aproximando e nós não tenhamos se não que nos resignar com todas estas demoras.

No entanto, esperar será vencer.

E apesar de tudo estou

convencido de que todo o povo de Montijo, amigo desta obra, saberá esperar e, então, no momento oportuno, a sua manifestação mostrará bem a vontade que tem e de quanto é capaz a sua ajuda.

Paciência, amigos... Se vos temos feito esperar, dando-lhes esperanças e mais esperanças é porque a nós nos têm feito o mesmo.

Esperemos, pois, por mais uns dias.

A Comissão trabalha e está na disposição de acelerar, quanto possível, os trabalhos para que alguma coisa se faça e de pronto.

Amadeu Augusto dos Santos

CARESTIA DA VIDA

Esta doença, que nos últimos tempos, sem que saibamos porquê, se agravou extraordinariamente, também se estendeu até a nossa terra, como epidemia mal-fazeja.

Quem tem que governar uma casa de família, vê-se nos maiores embaraços para o conseguir, em virtude dos preços astronómicos a que subiram certos géneros alimentícios, nomeadamente o peixe e a carne.

Fazendo coro com as outras populações, também nós suplicamos providencias contra os abusos e exageros... a ver se há um pouco de consciência.

E desde já prometemos não deixar o assunto de mão, pelo que a ele voltaremos amiúde.

Brigada Técnica da XIII Região de Setúbal

Da Brigada Técnica da XIII Região, Setúbal, recebemos as normas gerais que hão de regular os subsídios à construção de silos e nitreiras do ano de 1956.

Dessas normas extratamos:

— Os agricultores que pretendam construir uma nitreira com subsidio do Estado, deverão fazer as suas inscrições no Grémio da Lavoura do concelho onde possuem a exploração agrícola em que aquela há-de ser localizada.

Essa inscrição poderá fazer-se pessoalmente, ou por intermédio de um simples postal dirigido ao Grémio, com indicação do nome e morada do agricultor, freguesia ou lugar onde se situa a propriedade.

— As novas inscrições serão encerradas imprevisivelmente em 20 de Março, e os boletins devolvidos, sem demora.

— Dum modo geral, todas as nitreiras devem possuir: um pavimento impermeável e consolidado; uma fossa estanque para recolha do chorume, dotada de uma

bomba que ofereça garantias de duração, para regra do estrume; e, (no caso das nitreiras cobertas) uma cobertura eficiente e duradora.

— O agricultor deve comunicar a data em que termina a construção, promovendo-se o pagamento do subsidio depois de vistoria e aprovação.

Os subsídios são devidamente tabelados. Assim, para o máximo de 300m² de plataforma descoberta, o subsidio será de 3.900\$00.

II SILOS

— É quase generalizável a campanha de silos toda a doutrina expandida em relação à campanha de nitreiras.

— Os subsídios serão atribuídos de acordo com outra tabela. Tanto acerca das Nitreiras, como dos Silos, dão-se todos os esclarecimentos no Grémio da Lavoura de Montijo.

Concurso

A Hora Feliz

A ourivesaria e relojoaria de J. M. Contramestre, na Praça 1.º de Maio, desta vila, vai realizar este interessante Concurso, ao qual prevemos, desde já, um seguro êxito.

A partir do próximo sábado, 10 do corrente, na sede no nosso jornal, abrir-se-á um relógio cuja hora indicará o premiado ou premiados.

O prémio será de 250\$00 esc. em objectos daquele estabelecimento e pertencerá aos concorrentes que possuam cartão com a mesma hora do relógio que estará no nosso jornal.

As demais condições constam dos respectivos cupões dos concorrentes.

Felicitemos o proprietário da ourivesaria e relojoaria pela interessante iniciativa.

Concurso — A HORA FELIZ.

José Teodósio da Silva

(Herdeira)

Fábrica fundada em 1900 (em edificio próprio)

Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junipero, Cremes de todas as qualidades, etc.

Fabricos pelos sistemas mais modernos

6-Rua Formosa 8-Telef. 026 204
MONTIJO

SANFER, L. DA

SEDE

ARMAZÉNS

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moínho que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados

RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

— Dia 28, o Sr. António Rodrigues Samoreno, nosso dedicado assinante.

— Dia 1, Joaquim Jorge da Veiga Santos, nosso dedicado assinante.

— Dia 4, o Sr. Américo Tavares, nosso prezado assinante, e sua filha menina Maria Tereza Pascoal de Almeida.

— Dia 6, o Sr. José Gouveia Martins, apreciado jogador do Sport Lisboa e Benfica, e nosso dedicado assinante.

— Dia 6, a Sr.ª D. Maria Antónia da Silva, nossa prezada assinante em Lisboa.

— Dia 6, o menino José Francisco da Costa Carraça Caninhas, filho do nosso bom amigo e assinante Sr. José Rodrigues Caninhas.

— Dia 10, a menina Avelina Dias Graes, filha do nosso prezado assinante Sr. Edmundo Duarte Graes.

— Dia 10, o nosso redactor Amândio José Correia de Carvalho.

— Dia 11, o Sr. Luciano Bento, nosso prezado assinante em Poceirão.

— Dia 12, o menino Artur Manuel de Oliveira Contramestre, filho do nosso dedicado assinante Sr. Artur Marques Contramestre.

Nascimento

No dia 24 de Fevereiro passado nasceu uma criança do sexo masculino, — filho de Luciano Pratas Quendera e de Manuela Rodrigues Gaspar, e sobrinho do nosso assinante sr. Manuel Pratas Quendera.

Falecimento

Francisco Viegas Louro

Finou-se nesta vila, com a prospecta idade de 79 anos, o sr. Francisco Viegas Louro, antigo industrial de cortiças que há bastantes anos vivia em Montijo.

Embora natural do Algarve, S. Braz de Alportel, tinha por esta vila a maior simpatia, pelo que era geralmente estimado.

O extinto, nosso prezado assinante, era também avô e sogro dos nossos assinantes srs. Victor Manuel Viegas Louro e Mário Nunes, respectivamente.

«A Província» apresenta o seu cartão de condolências a toda a família enlutada e envia, em especial, áqueles nossos estimados assinantes sentidos pésames.

AGRADECIMENTO

Fernanda Adelaide Veiga

Alvaro Avelino da Velga Serra, João Ferreira da Velga Serra, noras, netos e irmãos e mais família, servem-se deste meio para agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que manifestaram o seu pesar e que a acompanharam á sua última morada.

Noticias de Montijo

Uma pequena entrevista

B. Democrática 2 de Janeiro

Encontrando há poucos dias, por mero acaso, o nosso bom e velho amigo José Machado, digno presidente da Direcção daquela Banda, trocámos com ele algumas impressões que, decerto, interessarão os nossos leitores.

E assim conversámos, com o á vontade próprio de bons e velhos amigos:

— Então, José Machado, como vão os assuntos da vossa Banda?

— O melhor possível. A Direcção da minha presidência está sobremaneira interessado em dar á colectividade o maior progresso, de modo a prestigiar-la e ao nome da nossa terra. Entre os factos que mais nos interessam, de momento, está a passagem para a nova sede, na rua Cândido dos Reis, a qual se deve efectuar dentro de mês e meio a dois meses, o máximo. Compreende o que isso significa para a vida interna e externa da nossa Banda, e o quanto nos empenhamos por este caso.

— Mas, diga-me: Há também uma Comissão pró-sede, não é verdade?

— Pois há, e muito lhe está devendo a colectividade pelos esforços dispendidos em prol dessa bela iniciativa. Direcção e Comissão, portanto, integramos nos mesmos desejos, conjugam os seus trabalhos para que tudo se apronte até a data que indiquei.

— Neste caso, abandonam a sede antiga?

— De modo algum. A antiga sede continuará sendo uma dependência, com fins diferentes. É claro que este assunto está ainda em estudo; mas desde já lhe digo que prevemos a hipótese da criação dum ginásio, — aquela aspiração local bem conhecida —, que se destinará aos sócios e suas famílias.

— Como vê, a Direcção procura corresponder ás intenções que

presidiram á eleição respectiva, sempre com os sentidos postos na parte artística e em todos os meios de desenvolvimento da vida associativa.

— Então que mais, José Machado?

— Um programa bastante vasto se encontra á nossa frente. A parte artística, confiada ao Maestro Homero Apolinário, terá sempre a melhor atenção do nosso lado, a fim de que os seus êxitos futuros sejam a sequência dos já alcançados. Neste campo estamos absolutamente tranquilos, em face da indiscutível competência e boa vontade do nosso Maestro, e da dedicação fervorosa dos executantes.

A outra parte, a parte administrativa, tem merecido igualmente os nossos cuidados e convencemo-nos de que muito haremos de conseguir para bem da Banda Democrática 2 de Janeiro e de Montijo.

E com estas afirmações terminámos a rápida troca de impressões, expressando ao bom e velho amigo José Machado os nossos agradecimentos e os votos de «A Província», para que a popular Banda progrida cada vez mais e tenha a estrada que vai trilhando sempre repleta de felicidades.

Hospital

Sub-Regional de Montijo

Luta contra a Tuberculose

Inspirado na grande obra de assistência espalhada por todo o país, o Ilustre Subsecretário da Assistência Social, Dr. Guilherme de Melo e Castro, concedeu á Santa Casa da Misericórdia da nossa terra um valioso subsídio eventual para a construção de uma Enfermaria-Abrigo, para consultas e internamento de tuberculosos.

Em local previamente escolhido e planta oficialmente aprovada começaram já os trabalhos na quinta, junto ao nosso Hospital.

Dedicados benfeitores ofereceram produtos da sua indústria, na alta compreensão do fim em vista, auxiliando os pesados encargos do edificio a construir para luta á terrível doença.

No passado domingo um grupo de vinte e cinco operários, num gesto bem digno de admiração, deram grandiosamente um enorme impulso á obra, trabalhando para o bem comum e bom nome da nossa terra.

Exemplo bem merecedor de aplausos e que esperamos deva ser secundado por outros colegas, contribuindo com o seu trabalho para esta grande obra de auxilio aos doentes.

Para galardão, os seus nomes aqui se publicam:

Francisco Maria de Oliveira, António João Fidalgo Valério, Manuel Martinho da Silva, António Azevedo Oliveira Frade, Lúcio António dos Santos, Rúben José da Rocha Valadarez, José Augusto Soares, António Carapinha da Fonseca, José Augusto Gaspar, Francisco dos Santos Cabaço, José Correia, Manuel de Oliveira, José Malaquias, António dos Anjos, José Caldeireiro, Luís Francisco Correia, Francisco Caldeireiro, António Joaquim Anjo, Joaquim Guerreiro, José António Canelas, José Gaspar e Adriano Ramos Lusa.

Por bairrismo e bem fazer em prol dos doentes, que outros colegas oferecem também um dia de trabalho!

Coisas que aconteceram... mas não deviam acontecer

Camionagem

Aos Domingos apraz sair em busca de ar mais puro e dum pouco de repouso, fora das preocupações do dia a dia.

E assim, na camioneta da carreira, que desta vila parte ás 9 e 25, aí se vai de abalada até a Atalaia ou Rilvas, embeber a vista e o espirito em novos panoramas, lavar os pulmões em novos ambientes.

Para lá, vai tudo muito bem. Há lugares para todos; e, quando os não há no primeiro carro, faz-se um desdobramento, fazem-se dois, fazem-se quantos sejam necessários para que ninguém fique «em terra».

Na volta, ás 18 e 10, é que são elas! A camioneta vem de Evora e, como de lá não se fazem desdobramentos, acontece que, á chegada ás Rilvas não há lugares e ficam sempre por ali cinco, dez, quinze passageiros sem poderem regressar.

Eles podem regressar, podem, mas custa-lhes trinta ou trinta e cinco escudos o que podia custar apenas três!

A carreira está no respectivo horário, está; mas, muitas vezes, nem o carro pára, pela referida razão.

Isto, não está certo e não está bem.

Dizem-nos que é do Regulamento. Pois se é do Regulamento, o regulamento está mal, precisa ser alterado, de maneira que estes factos se não dêem.

Decerto, há desconhecimento desta anomalia. E como o papel da imprensa é, justamente, para levar ao conhecimento de quem de direito estes casos, aqui fica o reparo, na esperança de que se providenciara para que eles se não repitam.

Novo Cinema

Chega-nos a informação fidedigna de que este Cinema vai entrar na última fase da construção, efectuando-se a sua inauguração ainda nos fins do ano corrente. No próximo número de «A Província» dedicaremos ao notável acontecimento local as merecidas considerações.

13/3/1943 - 13/3/1956

Casa Julmar

LÃS — SEDAS — BORDADOS — REN-

DAS — MODAS E NOVIDADES

Av. João de Deus, 49

Telef. 026 224 — MONTIJO

Participa-se ás Ex.ªs clientes que, em comemoração da seu 13.º ano de existência, esta casa oferece como

Brinde o Desconto de 10%

nas compras efectuadas desde o dia 13 até 31 do corrente.

A Proprietária

Oiça

As Domingos ás 19 horas

Terças feiras ás 21,30 horas

Isto é Montijo

Em Rádio Clube Português

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.ª-feira, 8 — *D i o g o*

6.ª-feira, 9 — *Geraldes*

Sábado, 10 — *Montepio*

Domingo, 11 — *Moderna*

2.ª-feira, 12 — *D i o g o*

3.ª-feira, 13 — *Geraldes*

4.ª-feira, 14 — *Montepio*

Boletim Religioso

Culto Católico

MISSAS

5.ª-feira — 8,30 e 9 horas.

6.ª-feira — 9, 9,30 e 21 horas.

Sábado — 8,30 e 9 horas.

Domingo — 8, 9, 10 e 11,30 (Atalaia), 11,30 e 18 horas.

Horário da Catequese: 3.ª feira (Projeções e Cânticos) ás 10,30 e 15 horas, Domingos — Missa ás 10 horas.

Culto Evangélico

Horário dos serviços religiosos na Igreja Presbiteriana, Rua Santos Oliveira, 4-Montijo.

Domingos — Escola Dominical ás 10 horas, crianças, jovens e adultos. Culto divino ás 11 e ás 21 horas.

Quartas Feiras — Culto abreviado com ensaio de hinos religiosos ás 21 horas.

Sextas Feiras — Reunião de Oração ás 21 horas.

No segundo domingo de cada mês celebração da Ceia do Senhor

Espectáculos

CINE POPULAR

5.ª feira, 8; Um Filme de Totó «Um Turco Napolitano» com «A Grande Tentação» e Revista Paramount.

Sábado, 10; «Um Pedaco do Inferno» com «Consciência em Paz» e Imagens de Portugal.

Domingo, 11; Um filme Metro, a garantia dum bom espectáculo, «O Sapatinho de Cristal» e em matinée «Uma Estrela Vinda do Ceu».

2.ª feira, 12; «Millonário sem Vintém», com «O Vento do Deserto» e o documentário Benfca-Porto.

CINEMA 1.º DEZEMBRO

Sábado, 10; (Para 13 anos) O famoso filme em reposição, cópia nova, «Caravana», e o «Fantasma do Expresso».

Domingo, 11; (Para 13 anos) «Uma Vida Inteira», em Cinemascope.

2.ª feira, 12; (Para 18 anos) «Valentino o Grande Sedutor» e «3 Maridos Enganados».

4.ª feira, 14; (Para 18 anos) O filme mais dramático do ano, «Ciumes», e lindos complementos.

Vendem-se

— Balança A. P. — Medidora A. P. — Armações e Vitrina — Balcão e Tulhas.

Rua Joaquim de Almeida, 53 e 77

— AUTOMÓVEL barato Ford-Bébé, nesta Redacção se informa.

— TERRENO para construção no lugar da Atalaia e em bom local. Tratar com Amadeu Augusto dos Santos.

Precisa-se

Empregado com prática de drogaria e boas referências. Informa esta redacção.

Perdeu-se

No trajecto do Parque até a rua Cândido dos Reis, uma pequena saca com 347\$40.

Agradecia-se a sua entrega e dão-se alvissaras, no Talho da rua Direita, a Manuel Bento Vieira.

Grande Liquidação

De um stock de artigos de alta qualidade por preços ao desbarato. Mais de 20.000 metros de tecidos na sua grande parte estrangeiros serão vendidos por menos de um terço do seu valor.

Piquetes de fantasia com 0,80, 0,90 e 1,40 de largura. — Linhas e Piquetes Bordadas, Surubs, Bembérgs, Shantung e outros artigos de idêntica categoria.

Ocasão única que se lhe oferece para adquirir tecidos da melhor qualidade pelo mais baixo preço.

Casa Sam

R. Almirante Reis, 25 — L. da Igreja 16 — MONTIJO

PORTUGAL E OS ESTRANGEIROS

(Continuação da 1.ª página)

graçado, tinha composto um poema que intitulara, sem razão, «Os Lusíadas», só porque ele se chamava Luís!

Voltaire, escrevendo também sobre Camões, fê-lo simples companheiro de Vasco da Gama, na primeira viagem marítima para a Índia, constando, porém, ter dito ainda sobre ele mais alguns distates semelhantes.

Se é certo que devemos aos franceses a mundialmente conhecida frase de que «les portugais sont toujours gais», não é menos exacto também que não lhes poderemos estar muito gratos pelas constantes provas de ignorância manifestadas a nosso respeito. Para mais, um escritor, cujo nome não nos ocorre de momento, mas que, segundo Cristiniano Lima, disse muito mal dos portugueses, afirmou que só em enterros vira, neles, mais alegres rostos, tendo acrescentado ainda, irónica, mas falsamente, «que os portugueses só se divertem nos funerais».

De uma injustiça flagrante, esta frase revela bem até que ponto é possível deturpar-se a realidade dos factos. O nosso detractor gaulês, ao proferi-la, esqueceu-se, certamente, de que no mundo (que nos conste) só Anatole France, considerado, precisamente, o mestre da literatura contemporânea francesa, ousou, um dia, afirmar que os funerais o divertiam imenso.

No entender de alguns compatriotas nossos, nenhum inglês ou alemão que escrevesse sobre o nosso País seria capaz duma afirmação como aquela.

Certo é que nos restam os espanhóis; mas esses são, geralmente, galhofeiros na sua rivalidade com os portugueses e só com esse propósito se revelando, uma vez por outra, ignorantes a nosso respeito.

Ainda recentemente, Ramada Curto, conhecido escritor e dramaturgo, contava um curioso episódio de que foi protagonista, com dois espanhóis, numa linha do caminho de ferro do Algarve, onde há uma pequena estação chamada «Luz». Era de noite e, quando o combóio ali fez paragem, um dos nossos vizinhos, ao ver a palavra «Luz» escrita em letras pretas no vidro da lanterna da mesma estação, não se conteve que não dissesse para o companheiro: «— Mira tu, que brutos son estos portugueses, que para que sepan que aquello és una luz, és necessário que lo escriban en la lanterna...»

É claro que o nosso compatriota refilou e os espanhóis levaram que contar, segundo confessa. No entanto, isto não passa de inofensivo humorismo e que está bem longe de produzir todo o mal que nos têm causado determinadas e bem

pouco escrupulosas afirmações francesas.

A mais recente «calinada» de que fomos vítima por parte de um francês, brada simplesmente aos céus e é, verdadeiramente, daquelas que lesam um Povo naquilo que ele tem de mais sagrado: a sua Língua-Pátria.

Traduzido por um tal Armand Guibert e integrado na colecção «Feux Croisés», que a Livraria Plon edita em Paris, surgiu agora uma obra do escritor Erico Verissimo, em cujo frontispício se lê «traduzido do brasileiro». Como, porém, não bastasse já a infelicidade da nota anterior, para demonstrar a triste ignorância de quem a subscreveu, em uma das páginas interiores escreveram ainda o seguinte: «este livro apareceu em língua brasileira sob o título «A Noite».

Por muito que nos custe afirmá-lo, isto é deveras lamentável, revelando o mais absoluto desprezo pela verdade, e levando-nos à triste conclusão de que os franceses foram os primeiros a traduzir uma língua inteiramente desconhecida nos quatro cantos da terra e da

qual os próprios brasileiros não têm ainda notícia.

Felizmente que o facto não passou despercebido entre nós e mereceu já o devido correctivo por parte dum jornal português, que protestou, solene e veementemente, contra semelhante traição à língua de Camões, que foi também a de Bilac, como é, em nossos dias, a de Erico Verissimo e de tantos outros escritores de Portugal e Brasil.

Conforme justamente se escreveu a tal propósito no citado jornal português, defensor acérrimo dos sagrados interesses da Pátria, «é bom chamar os franceses, que nos fazem sempre tantos salameques, ao rigor da verdade histórica. Antes de Lutécia merecer uma missa, já aqui, na Lusitânia, havia uma pátria — que, através dos séculos, outras descobriu e modelou, criando novos povos e civilizações».

Sim, é bom que o saibam de uma vez para sempre: «Portugal e Brasil falam e escrevem uma só língua; — o português!».

Pinto da Costa

A Imprensa da Província

(Continuação da 1.ª página)

Se há uma verdade para cada homem, também não é menos certo que há uma verdade para cada terra, para cada povo. Mas, quem a detém?!

Certamente o detentor dessa Verdade há-de ser aquele que reuna maior número de possibilidades especulativas, critério mais apurado, melhor senso, e possa, sem se trair, relacionar as verdades terrenas com a Verdade Divina.

Quando numa terra, num aglomerado, surge um jornal — ele só pode dispor-se a duas tarefas: ser arauto da verdade ou agente de confusão, pois só duas vontades o podem ter gerado: ou servir, ou confundir.

Desprezemos os que confundem, e atentemos nos que servem.

O jornal que se propõe servir, há-de ser o espelho da verdade, embora, como sabemos, a verdade custe muito a todos os que a detestam. Cabe a esse jornal uma tarefa, grande, importante: a de tentar a valorização do povo, a de procurar reunir à sua volta o escol. E' certo que há os que defendem ser a nossa época uma época de acção, mas esquecendo que a acção não é possível sem o pensamento. Acção separada de pensamento, é obra de louco ou de inconsciente.

Porque assim deve ser, o jornal de província há-de ser mais do que um órgão informador; será, também, órgão formativo. Para isso

não pode ter a pretensão de descer até junto da massa, antes procurará que a massa se eleve, até que possa atingir os conceitos que expende. O jornal há-de ter uma doutrina, e há-de impô-la; doutrina emergente da certeza na perenidade da terra portuguesa, doutrina que consubstancia a virtualidade do povo a que se destina.

O jornal, assim, expurgará das suas páginas tudo que for deletério ou sinal de defecção; procurará tudo o que mostre a individualidade do povo a que pertence, patenteará os valores regionais, defenderá o património comum.

Mas tal tarefa não obsta — antes obriga, — a saber escolher, pois é ao escol que cabe a seriação de valores, é ao escol que incumbe separar o trigo do joio.

Se assim fizer, se assim souber fazer, o semanário provinciano estará sempre acima das querelas regionais, dos partidanismos pessoais; há-de ser alvo de calúnias e objecto de malquerenças, sem dúvida. Mas as calúnias e malquerenças são de sempre. O que importa é a consciência que possamos ter de como são inferiores os que as alimentam. Não é orgulho nem vaidade tal consciência; é, sim, conhecimento das fraquezas humanas, conhecimento que, quanto mais vivo é, mais nos impede de as cometer. E se é verdade que, assim sendo, nos torna melhores em relação aos

Na feira da vida

De quando em quando

Companheiros de Viagem

(Impressões do meu mal humorado estado de espírito)

Recostada a um canto da carruagem, num estouvamento boçal e provocante, de pernas cruzadas e sorrindo forçado, a mostrar a brancura dos dentes, a «menina» clorótica de vinte e tantos anos, saloicamente vestida e berrantemente pintada, lia com embevecimento «As Cartas de Amor» de Soror Mariana Alcoforado.

Defronte o pai, um esgruviado pobre diabo, de farta bigodeira à esbirro de Pina Manique e de nariz rubicundo como um pêssego de Alcobça, fumava vorazmente um cigarro de péssimo tabaco.

Ao lado ia a mãe, uma lanzuda quarentona, de horrível «cara de sogra», de mãos sapudas e calosas a exalarem a alhos e a cebolas, como qualquer cozinha reles da mais nauseabunda hospedaria de Verin.

Momentos depois de eu entrar, a «menina» deixou de ler, para, numa estudada atitude de heroína de novela barata, começar com toda a sua talentosa «sapiência», a

explicar aos autores dos seus desbotados dias, a história desditosa dos amores dessa malaventurada freira de Beja.

E a figura nobilíssima dessa sentimental romântica amorosa, vítima, segundo reza a tradição ou a lenda, da perversidade egoísta do homem, foi na boca dessa «ingénua» provinciana transformada na mais vulgaríssima e desprezível das mulheres.

Foi tal a série de disparates que aquele tacanho cérebro discerniu, que eu num momento intuitivo de desdém não pude deixar de sorrir... perante o pasmo assombroso do pai e o olhar felino da mãe.

E — perdoem-me a heresia — quase até desejei que um providencial cataclismo ou qualquer descarrilamento, me despachasse depressa deste mundo, a fim de não morrer afogado naquele caudal imenso de ignorância, que impetuosamente brotava da boca daquela desenxabida companheira de viagem.

... É enquanto o combóio rolava em espessas nuvens de fumo, pelos «rails» polidos da linha, com o seu forte resfolegar de gigante de aço... mergulhado nas lucubrações da minha fantasia, ia visionando que vida horrível seria para um rapaz mesmo de mediana ilustração, que, depois de ter sonhado com um ideal perfeito de mulher, tivesse a fatalidade de, perante a lei de Deus e não o convencionalismo dos homens, ligar para sempre o seu destino a uma «menina» assim, pintada como um arlequim e vestida como um reclamo de drogaria, cujo pai, de farta bigodeira, lembrava um esbirro de Pina Manique... e a mãe lanzuda de mãos sapudas e calosas, cheirava a alhos e a cebolas, como qualquer cozinha reles da mais nauseabunda hospedaria da Galiza...

Manuel Giraldes da Silva

A semana histórica

Coordenação de
Frei Agostinho de Penamacor
MARÇO

Dia 1 — 1510 — Morre D. Francisco de Almeida.

Dia 2 — 1476 — Batalha de Toro.

Dia 3 — 1829 — Nasce o poeta António Raimundo de Bulhão Pato.

Dia 4 — 1394 — Nasce o Infante D. Henrique.

Dia 5 — 1909 — Morre o grande actor Taborda.

Dia 6 — 1943 — Nasce, no Porto, o grande pianista Artur Napoleão.

Dia 7 — 1699 — Nasce Ribeiro Sanches.

Dia 8 — 1830 — Nasce o poeta João de Deus.

Alves Monteiro

MOBILOIL

O lubrificante dos campeões

AGENTES EXCLUSIVOS

Tamarca, L.^{da}

Telef. 026 152 MONTIJO

Remodelação Directiva no nosso Jornal

**Alvaro Valente chefia
agora a equipa de «A
Província».**

Passou um ano e outro
vai agora iniciar-se na vida
do nosso jornal.

Por coincidência ou por
destino quis este que o
terminus do primeiro ano
de «A PROVÍNCIA» fosse
também o fim da actividade
do ex-Director Ruy de Men-
donça na direcção deste
Semanário.

Não o supúnhamos,
porque julgávamos Ruy de
Mendonça ideologicamente
interessado e compenetrado
das grandes responsabilida-
des dum jornal com a
projectão e qualidade que o
nosso possui.

Ruy de Mendonça, que du-
rante um ano provou sobeja-
mente valor e capacidade
frente do nosso Jornal,
viu-se na necessidade de
resistir.

Se afirmarmos que a maior
arte *daquilo que está á
vista* foi feito por Ruy de
Mendonça, não exageramos,
apenas cumprimos o nosso
dever fazendo tal afirmação.

De facto Ruy de Mendonça
parecia viver para um único
ideal, trabalhando hábilmente
enquanto que para nós ficava,
quasi e só, a responsabilidade
de manter de pé este sema-
nário em que muitos não acre-
ditavam.

Lastimamos a perda de
Ruy de Mendonça, a quem
quisemos sempre como a um
amigo, mas também reco-
nhecemos que agora não
podia continuar.

Expressando publicamente
o seu valor e a sua compe-
tência, gratos intimamente
pela sua dedicação, resta-
nos desejar as maio-
res felicidades e grandes
éxitos na sua vida futura.

A SUINICULTURA

NOS ESTADOS UNIDOS

(Continuação do penúltimo número)

Deixando para outra oca-
sião a parte referente ás
vitaminas e sais minerais
que serão abordados em fu-
turos artigos de nossa auto-
ria e da autoria do Dr.
António Montano, diremos
que ainda não existem nú-
meros definitivos para o
referente ás percentagens
de proteína total das rações.

Aqui no Texas A. E. M.
utilizam-se os seguintes
teores:

EM MALHADA

Leitões, 17,0%; da des-
mama até ás 100 lbs, 16,0%;
das 100 lbs até ás 200 lbs,
14,0%; mais de 200 lbs de
peso, 12,0%.

EM PASTAGEM

Da desmama até ás 100
lbs, 14,0%; das 100 lbs até
ás 200 lbs, 12,0%; mais de
200 lbs de peso, 11,0%.

Rei Morto, Rei Posto

... E assim o nosso que-
rido colaborador e sobeja-
mente conhecido Sr. Alvaro
Valente foi convidado a di-
rigir «A PROVÍNCIA».

Com sacrificio dos seus
próprios interesses e da
sua vida particular, o convite
foi aceite.

Desnecessário se torna frisar,
ou adjectivar, o signifi-
cado desta valorosa inclusão
nos quadros activos do nosso
jornal.

Alvaro Valente, escritor
probo, jornalista brilhante,
poeta e dirigente com inú-
meras provas prestadas, de
viva inteligência, vem con-
tribuir com toda a sua cul-
tura, com toda a sua expe-
riência, com a gama de todos
os seus conhecimentos, para
um jornal maior e melhor.

Para Alvaro Valente, que
melhores atestados que o
seu passado - a sua obra -
a sua presente experiência,
e já a certeza de um brilhante
futuro á frente de «A PRO-
VÍNCIA»?

Estamos certos de que da
sua personalidade forte, do
seu saber e da sua mágica
pena, muito prestígio advirá
para o nosso jornal, maiores
benefícios para Montijo e
para a sociedade que tão
bem conhece.

Assim este número é já o
primeiro que Alvaro Valente
dirige: tem a nossa inteira
confiança e todo o nosso
apoio. Deus permita que, na
espinhosa e ingrata missão
que vai encetar, tenha longa
vida e nunca conheça o de-
sânimo. São esses os nossos
sinceros desejos.

A engorda faz-se nos
E. U. como em toda a parte
segundo os mais variados
processos, aproveitando-se
cada lavrador das condições
de alimentação que se lhes
mostrem mais convenientes
no ponto de vista econó-
mico.

Todavia, em certas zonas,
existem alimentos e méto-
dos prevaletentes.

Na maior parte do País e
sobretudo na região deno-
minada Corn Belt, o milho
é o cereal mais utilizado e
o que condiciona a produ-
ção de suínos. Aqui no Texas
os grãos de sorgos são os
mais empregados na en-
gorda.

Dr. Ramiro Ferrão

(Continua)

SALVÉ! 3 DE MARÇO!

O que significa para nós
e para a nossa Terra esta
data?

Convém esclarecê-lo para
assim determinarmos a
nossa opinião

Sejamos, pois, preceden-
tamente cónscios.

Tal data, marca mais um
formidável impulso para o
progresso deste tão laborioso
e tão nosso querido Mon-
tijo: — O surgimento deste
Semanário

Foi há um ano que, por
uma iniciativa assaz louvá-
vel, brotou assim por entre
grandes esforços e por espi-
nescentes caminhos o nosso
jornal.

Simple, sem alardear
exageradas erudições, é, sem
desprestígio para os demais,
um jornal que fala ao cora-
ção do Povo, quer do leigo,
quer do douto, visto ser a
simplicidade a virtude que
unânimemente agrada às
diversas classes sociais.

Honrar, glorificar e coo-
perar na expansão de mais
um semanário que tanto se
tem interessado pelo desen-
volvimento moral e material
de Montijo, é bem um dever
de todo aquele que se preza
de ser Montijense.

Para honrar e dignificar
tal pioneiro do progresso,
deste cantinho de Aquem-
-Tejo, não podemos nem
deveremos ficar estáticos pe-
rante este golpe audacioso
que rasgou novos horizontes
para a expansão das coisas
vitais desta Terra.

Não se resume, porém, só
nisto a nobreza deste peri-
dico; algo mais temos que
apontar: — Não serve só o
Montijo, mas ainda todas as
terras de Portugal, aliás não
seria tão bem recebido e
com tanto carinho, não só
pelos conterrâneos, mas
também pelos demais portu-
gueses, quer em Portugal,
quer no estrangeiro.

Sabemos que cada jornal
tem a sua missão a cumprir
no progresso e no desenvol-
vimento dos povos.

Da sua Administração e
da consciência dessa missão,
estão pendentes o prestígio
e as vicissitudes desses
povos.

Plenamente convictos de
que essa Administração se
manterá firme e inabalável
através dos tempos, aqui
ficamos, pois, com um vis-
lumbre de orgulho a per-
passar-nos na frente, certos
de que demos assim mais
um passo em frente na civi-
lização.

Waldemar P. de Almeida

Telefone 036 370

Das boas Fotografias

Foto Montijense

Crónicas Irrequietas - 20

A Vergonha

(Continuação da 1.ª página)

lambreta, à vespa, e o mais
que importa?

— Vergonha, — para quê e
porquê?

Isso foi chão que deu
uvas...

A palavra de honra, nas
tais eras, constituia um patri-
mónio tão valioso que, usado
em qualquer emergência,
bastava como garantia de
segurança, de cumprimento,
de honestidade.

E justamente por isso, só
se empregava em casos sé-
rios, com dignidade, com
prestígio, com elevação.

Agora, — minhas senhoras
e meus senhores! — é o que
todos nós sabemos: falta-se
a ela com o maior descara-
mento, anda mesmo de ras-
tros como a lesma, e, quando
a empregam, é logo motivo
para desconfiança e dúvida.

E também perdeu o seu
antigo valor porque, a pro-
pósito de tudo e de nada, aí
vem ela em socorro dos al-
drúbios.

Desacreditou-se, desceu
ao cesto dos papéis velhos.

A assinatura, de cruz ou
original, aposta num do-
cumento, assegurava a sua
validade e dava a certeza da
completa e exacta execução.

Actualmente, ainda a assi-
natura não está rabisçada, já
se está pensando na ma-
neira de a renegar, de fal-
catruar os compromissos
assumidos.

S. Ex.ª a Vergonha esca-
puliu-se e acôchou-se para
aí, em incógnitos meandros,
de tal modo que não há mais
lobrigá-la!

Chávenas de Café quase amargo

Suíno e filho de cam-
pónio.

A respeito do tirano He-
rodes que, na Judeia, reinou
de 40 até ao ano antes de
Cristo, e que cometeu toda
a casta de assassínios (man-
dou matar algumas das suas
dez mulheres e alguns dos
próprios filhos — era de
força!) dizia o imperador
Augusto:

— «Melhor fora ser porco
de tal homem, que seu filho!»

Mutatis mutandis, o mes-
mo se poderia dizer de cer-
tos homens que inteiramente
se desvelam a tratar suínos,
asnos e outros bichos de
doméstica utilidade, entoando
a canção do desdém às hu-
manas criaturas sob a sua
dependência. A esses tais
mais os aflige um achaque
no boi, no cavalo, no asno,
ou no suíno, que lhes per-
tençam, do que a doença da
própria mulher ou dos filhos.

O leitor dirá que tudo
isto não passa de hipérbole.
Não é. Quem conviva com
gente do campo — sabe que
não exageramos. Em rela-
ção a muitos campónios,
mais vale, com efeito, ser
suíno deles, que filho deles.

Dr. Cruz Malpique

E fosse lá um rapaz fumar
à vista dos pais, divagar por
antros e esterquilínios até
madrugada alta, faltar ao
respeito às pessoas mais ve-
lhas ou às de consideração,
proferir palavrões, tratar uma
senhora por você ou falar-
lhe em calão...

Na hora que passa, são os
próprios pais que dão cigar-
ros e lume aos filhos e que
os acompanham, por vezes,
aos lugares suspeitos; são
os filhos que não respeitam
os seus progenitores, nem
os velhos, nem as pessoas
que merecem consideração;
são eles que até fazem ga-
la no emprego de termos im-
próprios, incorrectos, e que
falam com as senhoras sem
cortezia, sem reboço, sem
distinção!

Por seu lado, também as
senhoras... (Pensavam que
escapavam?)

Pintam-se, sarapintam-se,
tocam-se, retocam-se, rapam-
-se, caíam-se, fumam, trocam
a perna, e mandaram o de-
coro, o pudor, o recato e a
decência para o inferno!

E a vergonha lá se foi não
seí para onde...

Há excepções, é claro.
Isto não é absolutamente
geral.

As excepções, porém, é
que demonstram a regra, —
como diziam meus professo-
res, na época em que *vivi*, —
e eu refiro-me, neste deam-
bular, às generalidades.

O pior de tudo é que essa
regra geral sobe, sobe, e,
como onda monstruosa, vai
submergindo na sua marcha
as excepções deslocadas, a
pontos de já formarem «rari-
dades raras».

De sorte que me parece
indispensável e urgente arre-
piar caminho, invocar o Bom
Senso para nos acudir, sa-
near o ambiente e criar o
espírito são, saudável, mor-
ral, forte e íntegro, que dê
personalidade e juízo aos
desvairados.

Diz-me dali o Francisco
«das pevides e do torradi-
nho», a sorrir, que eu é que
não tenho juízo, pois que
passo a vida a sonhar...

E talvez tenha razão.

Todavia, ninguém me tira
da cabeça que os grandes
movimentos redentores
começaram por sonhos; pelo
que não desisto e assim vou
andando, aos tropeções, en-
tre o culto do dever e as
hecatombes que essa vida
me põe da estrada.

A's vezes, como desta vez,
acordo do meu sonho e, en-
tão, pergunto:

— Sabem dizer-me o que
é feito da madama Vergonha,
neste vale de lágrimas?

Dá-se um prémio avultado
a quem a encontrar, sincera
e despida de artificios...

E a resposta é, afinal,
sempre a mesma: Silêncio...
silêncio e nada mais!

Eu, porém, não me calo.
Vou falando, vou escre-
vendo, e vou esperando as
soluções...

Alvaro Valente

DESPORTOS

QUEREMOS A VERDADE..

Considerações por

António Fábrega

Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

O Montijo vai à Taça de Portugal Farense, 1 - Montijo, 1

No passado domingo, a equipa montijense deslocou-se à capital algarvia, para disputar o último encontro do Campeonato Nacional da II Divisão de 1955/56, porquanto, eliminada da 2.ª fase, vêm os montijenses quedada a sua representação nesta importante prova futebolística.

A última da hora e por motivo de força maior não acompanhámos a embaixada de Montijo, pelo que tivemos de recorrer às informações do guardião Redol, o popular «Né» que, sempre amável, nos disse ter sido um jogo bem disputado, característica peculiar nos encontros entre as duas equipas.

Para nós, foi mais uma afirmação de que «mais vale quem quer do que quem pode». Estava ainda enigmática a qualificação do C. D. M. para a Taça de Portugal. Havia necessidade de vencer ou pelo menos, de empatar. E a «rapaziada» cumpriu. Não alcançaram a desejada vitória, que muito bem assentaria como fecho duma prova em que a equipa foi tão irregular como desconcertante, semeando as boas com as más exibições, de modo a levar os adeptos ao «Zé-nite» do entusiasmo, como também os arrastava ao censurável estado de «rasgar cartões».

O empate chegou. Foi com um suspiro de alívio que todos verificámos que o C. D. M. tinha passado o risco fatal.

Mas voltando à apreciação do jogo em Faro e conforme as declarações do «Né», sobressaíram, na nossa equipa, o médio Santana, um nome que devemos fixar, pelo que promete como futebolista de bom quilate e atleta disciplinado e trabalhador, José Luís e Ernesto.

Nos algarvios destacaram-se, Reina, Balela e Queimado.

Arbitragem sem influência no resultado.

Quanto a este, está bem traduzido pelo empate, pois se o S. C. F. perdeu algumas oportunidades, também os de Montijo viram gorados alguns lances que mereciam melhor sorte.

E agora amigos, rumo à «Taça». Especialmente aos atletas nos dirigimos, para que cuidem convenientemente da sua preparação, pois poderão ter que viajar a Braga, à Covilhã, ao Porto, a Lisboa, ou onde quer que seja, e o nome de Montijo terá que ser dignificado e erguido, para não desmerecer a auréola que granjeou em seu redor.

Manuel Lino

COLUMBOFILIA

Considerações

O nosso desporto é de facto uma contradição constante, e nele reside sem dúvida o nosso carinho pelos alados e o interesse pela competição, que nos empolga, que nos prende, muito para além do interesse dos prémios que se conseguem.

Ao escrevermos estas linhas, encontramos-nos ansiosos aguardando que nos seja apresentado o calendário desportivo da nova temporada.

Todos os amadores sabem a importância decisiva de que este assunto se reveste, e estamos convencidos de que a elaboração do calendário é objecto de paciente reflexão e estudo.

Tendo começado os treinos, verifica-se pelo comunicado da S. C. de Montijo, que este ano deve ser posto de parte a celebríssima linha norte. Os treinos começaram em Bombel e terminaram na Funcheira, no que só vejo benefícios, tanto para a sociedade como para as aves, sobre o aspecto financeiro e menos desgaste das aves, com entregas ao sábado à tarde e soltas ao domingo de manhã.

Pena é que alguns amadores, dando ouvidos a maus conselhos de alguns «técnicos», privem suas aves de treinar no sul, não correspondendo ao apelo de quem quer revigorar e expandir o desporto local, porque «técnica» há para aí a rodos, dedicação e vontade de trabalhar é que há pouca.

O sentido de orientação do pombo correio, não sofre contestação em qualquer linha de voo, daí o condenável erro da grande maioria dos amadores se julgarem aptos a jogar suas aves em todas as provas sem as treinar, não correspondendo estas por não darem o rendimento necessário em competição com outras devidamente treinadas, lançando a culpa dos insucessos a quem elaborou o calendário. Não nos mete medo o «papão» do Alentejo e Algarve, nem as zonas perigosas como para aí se apregoa, porque fogem à vulgaridade, saltando em Faro, Vila Real de S. Antonio, e Portimão. Que seria das sociedades nortenhas que todas as campanhas soltam no sul, salientando as sociedades de Viana do Castelo, com o seu clássico Faro-Viana de 525 quilómetros, a prova mais extensa em território português, e eles continuam. A Sociedade C. de Montijo vê-se a braços com tremendíssimos problemas, que muitas vezes vergam os ombros aos seus dirigentes, tornando mais doloroso o seu caminhar, para cumprirem bem a sua missão.

Ultimamente a Federação Portuguesa de Columbofilia parece apostada a fazer desaparecer a columbofilia em Montijo, tomando uma atitude estranha, no que diz respeito à quota federativa. Surpreendeu-nos esta sua atitude, e custa-nos a compreender como se esteve dois anos, quando na gerência anterior, sem receber uma única prestação, e só agora à menor falta de pagamento suspende-se de concursar, como ia sucedendo no último Madrid, e cancela-se o fornecimento das anilhas, contribuindo para o degeneramento da espécie. Chegamos a ter impressão de que em tudo isto anda mão invisível a perseguir-nos.

Mas estas atitudes de quem nos devia auxiliar e estimular, fazemos criar um mais aguerrido espírito de luta, para desenvolver a modalidade. A Sociedade C. de Montijo, não perecerá na luta que encetou, porquanto os seus aliteres são hoje mais fortes que ontem. Outras sociedades, com menos possibilidades, sucumbirão por ser demasiada dura sua caminhada, mas os que conseguirem chegar ao fim do caminho dirão: senhores dirigentes federativos, nada lhes devemos porque nada nos deram.

Realiza-se no próximo Sábado, dia 10, pelas 21 horas, no Musical Clube Alfredo Keil, uma festa denominada «Noite Algarvia» e organizada por um simpático grupo de meninas, quase todas filhas daquela linda província de Portugal. Abrihantará o baile, a categorizada orquestra lisboeta «Blues Star's», um dos melhores conjuntos que actualmente trabalham na Capital. Marcam-se mesas na «Repal» e pelo telefone 026 378. «A Província» agradece o convite que lhe foi enviado.

Eduardo dos Santos Baeta

Basquetebol

JUNIORES

Cuf, 12 - Montijo, 31

Jogo disputado na passada quinta-feira, dia 1, no campo da Cuf e arbitrado pelo Sr. Walter Monteiro.

As equipas alinharam:

Cuf: (3 cestas e 6 lances livres transformados em 18 tentados) Dias (2), Nunes (3), Gomes, Guimarães (2), Soares (4), Oliveira, Santos (1) Cruz, Felício e Augusto.

Montijo: (13 cestas e 5 lances livres transformados em 13 tentados) Elisiário (19), Tcodemiro (2), José Maria (4), Heitor (2), Luciano (4), Eliseu, Felipe e Amadeu.

Ao intervalo 11-8 a favor do Montijo.

Este jogo serviu para podermos apreciar com melhores condições de êxito a equipa de juniores do C. C. M. nos seus diversos sectores e pormenores.

A vitória contra a Cuf foi indiscutível e veio demonstrar que a diferença de pontuação verificada no encontro com o Barreirense não foi coisa natural mas sim um acidente próprio do jogo, em que uma equipa pode jogar bem ou mal consoante a impressão que lhe causa a categoria do adversário. E foi isto precisamente o que aconteceu frente ao Barreirense.

Mas também não se julgue que a Cuf foi adversário fácil, se deixou dominar completamente pelo Montijo.

Longe disso e aí reside o maior mérito da vitória do «cinco» montijense.

No primeiro tempo houve certa superioridade da Cuf no desenvolvimento das jogadas, ao que opôs o Montijo uma «zona» excelentemente executada, revelando assim um notável sentido de marcação naquele sistema.

No segundo tempo, pudemos observar óptima movimentação da equipa do Montijo, com transposição rápida da defesa para o ataque e consequente finalização, resultado lógico de saber como

terminar o contra-ataque ou o ataque planeado.

Neste meio tempo, a Cuf foi dominada e quando esporadicamente alvejava o cesto, era duma maneira em que havia poucas probabilidades de o conseguir.

E assim o Montijo, com melhores lançadores, venceu em jogo que se nos afigurou como um dos melhores desta época, disputados pela equipa.

A marcação poderia ser mais elevada se Elisiário, o grande marcador da equipa, refreasse mais o seu entusiasmo pelo cesto e se lembrasse de que, quando existem poucas possibilidades de o tentar, não há que fazer tal mas sim jogar com os colegas e para a equipa. Entendidos, amigo Elisiário?

A arbitragem do Sr. Walter Monteiro foi regular e não chegou a influir no resultado.

No domingo, 4, defrontaram-se as equipas de Montijo e do Vitória, tendo terminado o jogo, com o empate a 26 pontos.

Luciano Mocho

NOITE ALGARVIA

Realiza-se no próximo Sábado, dia 10, pelas 21 horas, no Musical Clube Alfredo Keil, uma festa denominada «Noite Algarvia» e organizada por um simpático grupo de meninas, quase todas filhas daquela linda província de Portugal.

Abrihantará o baile, a categorizada orquestra lisboeta «Blues Star's», um dos melhores conjuntos que actualmente trabalham na Capital.

Marcam-se mesas na «Repal» e pelo telefone 026 378.

«A Província» agradece o convite que lhe foi enviado.

tado contra o «Oriental», foi consagração absoluta. A partir deste momento, os incrédulos do meu trabalho ou do Clube, começaram por fazer uma campanha contra um sistema que eu sustento não ser defensivo. Pelo contrário, é ofensivo, mas, quando as pedras *correspondem*, cada uma, no seu devido lugar. Seguidamente, deixei de contar com meu irmão Francisco, pelo acidente que sofreu contra o «Oriental», durante cinco ou seis jogos, e ainda o descalabro total motivado pelo inesquecível acidente de Ferreira do Alentejo.

Como é natural, a Equipa tinha de sofrer alterações grandes, mas, se estas alterações tivessem sido aceites agradavelmente por parte de todos, o «Team» em pouco ou nada se teria ressentido. E aqui, precisamente, que reside fundamentalmente a razão dos factos. Os jogadores desmoralizados pelo acontecimento no desastre; falta de alguns pagamentos que, pela força das circunstâncias, a isso obrigava; alguns maus conselhos recebidos dos incrédulos, deixando de responsabilizarem-se e pôr de lado as boas maneiras e costumes. — Não pretendo com isto ferir susceptibilidades de ninguém, mas sou forçado a manifestá-las. — Tudo isto em conjunto e ainda a falta de comparência aos treinos por motivos diversos, falta de obediência e camaradagem durante o desenvolver de certos jogos, faz a soma de nos encontrarmos nesta posição, tão desagradável que eu, ou qualquer outro na minha situação, pouco ou nada poderia fazer, para superar todas estas contrariedades.

Pessoalmente e desde a minha entrada como orientador, impus a mim mesmo uma dose de obrigações que fui forçado a desistir, por falta de colaboração dos atletas principais e posso enumerá-las:

Falta de comparência à teoria; demais sessões de ginástica num local fechado, e ainda o apoio incondicional de minha parte para resolver problemas de ordem interior, para com os dirigentes do Clube.

Não creio que seja culpado directo ou absoluto desta situação, mas, assumo totalmente a responsabilidade porque não sou pessoa para fugir à mesma quando me é imposta. Lamento apenas que uma minoria de pessoas que gostam lhes chamem Montijenses, sejam precisamente os que, cá fora, criam mal entendidos e maus ambientes.

Só me resta dizer que a Direcção, Massa associativa e os próprios jogadores, ponderem o caso maduramente, para cada um de per si tirar as devidas conclusões.

Montijo, 25 de Fevereiro de 1956

a) António Fábrega

Concurso de Prognósticos

O Sr. Francisco António Peres,

Morador na rua da Barrosa, 51, em Montijo, ganhou os 300\$00 em compras, pois acertou em 13 resultados

É assim terminou esta primeira fase do Grande Concurso de «Prognósticos de Futebol» organizado pelo nosso jornal

E agora, atenção à segunda fase que começa no próximo número



do Minho ao Guadiana



Terras da nossa terra

A vila de Samora Correia

A vila de Samora Correia nasceu quase com a nossa nacionalidade, pois devia ter sido fundada por D. Sancho I. Foi sede de Concelho, tendo-lhe sido concedido foral por D. Manuel I, em 13/4/1510, em Santarém. É este o mais antigo documento que se refere à história desta vila. A meia légua da vila, hoje incorporada no concelho de Benavente, existiu a ermida dedicada a Nossa Senhora de Guadalupe, a que se refere o autor do *Santuário Mariano*. Ali se realizavam grandes romarias.

Calcula-se, pelo seu estilo da Renascença, tenha sido fundada depois dos meados do séculos XVI.

Em 1564, D. João IV, reaceando qualquer questão na sucessão ao trono da parte de seu filho D. Pedro, mais tarde D. Pedro II, «e ansiando por que uma grande parte dos bens da Coroa fossem reivindicados para seu filho» instituiu nesta vila a célebre *Casa do Infantado*, para o que mandou construir um palácio à laia de casa solarénga, e mais tarde reedificada.

A *Casa do Infantado* gozava de todos os privilégios, da também célebre *Casa de Bragança*. A *Casa do Infantado* durou até 1834, data em que os seus inúmeros bens passaram para a Fazenda Nacional.

Em 13/XI/1835, D. Maria II por um seu decreto assinado pelos Duques de Saldanha e de Palmela, José da Silva Carvalho, João de Sousa Pinto de Magalhães e António Aluísio Cervis de

Atouguia, «considerando que se achava instituída pelo Conde de Farrobo, Visconde das Picoas, José Bento de Araújo, José Xavier Mousinho da Silveira e José Pereira Palha, uma companhia, a fim de comprar as Lezírias Nacionais do Tejo, que pertenciam à *Casa do Infantado*, por 2 mil contos», em 12/III/1836, por carta de lei de 16 do referido mês e ano foi autorizada a venda em hasta pública das mesmas lezírias.

A almoeda teve lugar em 25/6/1836, por aquela quantia, oferecida pela referida companhia ali representada por Domingos José de Almeida Lima, José Bento de Araújo e Joaquim José Rolim, a quem foram entregues.

Esta companhia passou a denominar-se «*Companhia das Lezírias do Tejo e Sado*» que ficou sendo a maior empresa agrícola do país, tendo em Samora uma das suas administrações instaladas no palácio do antigo Infantado.

Voltemos ainda à *Casa do Infantado*. D. Pedro, após a sua ascensão ao trono, tentou conservar e até aumentar os bens da *Casa do Infantado*, fazendo-lhe doação de inúmeras terras, a qual atingiu a sua maior opulência com D. Francisco, irmão de D. João V e filho de D. Pedro II.

D. Miguel, amante de caçadas, era muito frequentador desta vila. Para aqui vinha, por este mesmo motivo, a sua corte. Os lobos, nessa altura, eram abundantes nesta região e eram eles o principal fim das

caçadas reais. Nesta vila nasceu, em 11/6/1849 o célebre publicista e orador Azevedo Gneco, grande e preponderante elemento do partido socialista do seu tempo.

A padroeira da freguesia é Nossa Senhora da Oliveira, em cuja honra todos os anos, em Agosto ou Setembro, se efectuam luzidas festas, muito concorridas de forasteiros, principalmente de Vila Franca de Xira. A ponte Marechal Carmona veio dar incremento à vida económica de Samora Correia, que não tem sido também esquecida o Presidente da Câmara de Benavente, Dr. Gabriel Ferreira Lourenço.

Samora Correia tem *Casa do Povo* e a *Creche e Casa de Trabalho Padre Tobias*, conhecida por *Jardim da Infância*, pois recolhe crianças cujos pais trabalham no campo durante o dia, distribuindo ainda alimentos a dezenas de pobres da localidade.

Prof. José Manuel Landeiro

Canha

A *Casa do Povo* desta vila acaba de dar um grande impulso ao desenvolvimento do desporto local. O terreno, oferecido por doação do Ex.^{mo} Sr. Dr. Joaquim Cantante da Mota e de sua Ex.^{ma} esposa, recebeu a importante beneficiação da sua terraplanagem completa, — donativo importante do Ex.^{mo} Sr. presidente da Assembleia Geral, Dr. António Pinto Magalhães Oliveira Soares, que gratuita-

mente mandou fazer a terraplanagem do Campo de Jogos com uma máquina sua e pessoal seu, evitando que a *Casa do Povo* com o seu sacrifício gastasse no trabalho agora feito cerca de Esc. 10.000\$00.

No dia em que no Campo de Jogos deu entrada a grande máquina para iniciar o trabalho, houve grandes manifestações de alegria a que se entregaram os sócios do referido Organismo.

Formaram-se já dois Grupos, um da *Casa do Povo* e outro da *Mocidade Portuguesa*, que todos os dias fazem treinos intensivos, tendo sido nomeado Director técnico do Grupo da *Casa do Povo* o sócio protector deste Organismo- Fernando Cardeira Alves.

Estão, pois, de parabéns os desportistas locais e também o dedicado Presidente da Direcção da *Casa do Povo* que, com os seus colegas, pretendem sempre, e acima de tudo, fazer mais e melhor não esquecendo nunca, nas suas iniciativas de cultura e de assistência social, de levantar bem alto a bandeira da gratidão.

— Esteve, na passada 4.^a feira desta vila, o Sr. Presidente da Câmara Municipal, que se fazia acompanhar do Chefe de Secretaria Sr. José Mendes da Costa e que veio tratar, como sempre, de assuntos de interesse para o Concelho.

— Também em serviço de Inspeção às actividades da *Mocidade Portuguesa*, esteve nesta vila o Sr. Bernardino Freire Bernardes, que visitou as instalações e o Campo de Jogos, regressando a Lisboa muito satisfeito.

— Foi nomeado pelo Comissario da M. P. instrutor

dos filiados do Centro Extra-Escolar N.º 2, o Sargento da G. N. R. desta vila, Sr. Aventino Alves da Silva, a quem apresentamos as nossas felicitações.

Pinhal Novo

Estrada Nacional 252 — «A *Provincia*» de 6 de Junho de 1955, tratou da reparação desta estrada, principal meio de comunicação para esta localidade.

Na referida notícia desenvolvíamos o facto da seguinte maneira:

«Inspirado na divulgação de uma prosa sensata e psicológica, sem influências de espécie alguma que não seja o bem estar da comunidade e a defesa dos interesses de Pinhal Novo, dentro do máximo respeito para com as entidades que superintendem nos vários assuntos, apelávamos para Sua Ex.^a o Sr. Presidente da Junta Autónoma de Estradas, solicitando-se a grande reparação na estrada 252, quilómetros 6,700 a 13 600».

Tomando em consideração por Sua Ex.^a o estado em que se encontrava essa estrada, foi a reparação da mesma entregue a um empreiteiro e começaram-se os trabalhos, o que deu lugar a um ambiente de grande satisfação entre toda a população Pinhalnovense.

Sucedo, porém, que fomos informados de que os referidos trabalhos tinham sido suspensos, sem que haja conhecimento dos factos que determinaram a paralisação.

A estrada encontra-se cada vez mais intransitável, e só por absoluta necessidade se pode transitar por ela.

Esperamos, portanto, que os trabalhos recomecem no mais curto prazo de tempo, a fim de acabarem os sobresaltos que os conductores de automóveis sentem sempre que são forçados a utilizarem a estrada 252.

Esperamos, pois, confiados na justiça de nossas palavras.

Folhetim de «A *Provincia*»

N.º 46

O segredo do espelho

por

Augustus Muir

O quarto tinha sido submetido a uma completa pilhagem.

A grande mesa de cabeceira de madeira esculpida tinha sido tratada da mesma maneira que o cofre; as molduras de carvalho, que cobriam as paredes, estavam partidas em muitas partes da mesma maneira que a chaminé de mármore. A destruição tinha sido levada a efeito com uma energia selvagem. Os ornamentos da grande cama tinham sido arrancados.

A minha confiança começava a abandonar-me.

Que o homem se tinha escondido em qualquer parte,

para se lançar sobre mim, era uma possibilidade que não podia ignorar, mas desta feita eu não estava na disposição de me deixar vencer.

Tirei da panóplia das velhas armas da Escócia um punhal de lâmina comprida e fina, e só o facto de a sentir bem apertada na mão, aumentou a minha segurança.

Olhando a porta pela qual se descia à capela verifiquei que estava fechada à chave, tal como eu a deixara da última vez e guardara a chave.

Teria o homem fugido para o corredor, quando eu acendi

a luz e procurado refúgio no quarto em frente?

Sai e vagorosamente rodei o puxador da porta desse quarto.

Eram exactos os meus cálculos.

A porta estava fechada por dentro.

Sem dúvida o homem pretendia lançar-se sobre mim de surpresa ou para se escapar. Mas desta vez tinha-lhe frustrado o jogo.

A porta era velha, mas com uma fechadura nova, e estava seguro de a poder forçar.

Tomei balanço e lancei-me com toda a minha força.

Ouviu-se um estalido, e a madeira fendeu junto à fechadura e a porta escancarou-se de par em par.

Tinha oferecido menos resistência do que esperava, mas consegui retomar o equilíbrio e retirar-me a tempo para o corredor.

Um segundo mais, e pude bendizer a minha agilidade,

porque um tiro partiu do quarto.

A bala bateu na parede fronteira sobre a minha cabeça, fazendo cair um quadro.

Num pulo, estava de novo no quarto do meu avô. Um segundo tiro se fez ouvir.

Desta vez houve um barulho de vidros partidos por detrás de mim, e concluí que a bala tinha batido no espelho que estava em frente da porta.

Um barulho de passos se fez ouvir em seguida; o homem saía para o corredor.

A minha situação era das mais críticas.

O meu adversário tinha um revólver, e o punhal escocês que eu tinha na mão não me poderia servir senão para um corpo a corpo.

Mas a minha excitação era tão grande que me sentia capaz de fazer face a tudo quanto o meu adversário pudesse tentar contra mim.

Pensava na maneira de lhe fazer frente, quando per-

cebi que se dirigia para a escada.

Segui-o sem fazer o mínimo barulho.

A obscuridade era tão profunda que pude correr sobre ele, no momento em que atingia o primeiro patamar.

Ouvii-me os passos e atirou-me novamente à queima-roupa. Baixei-me e localizei-o pelo clarão do tiro. Cego de raiva, atirei-me positivamente ao acaso para o local onde me pareceu estar o vulto.

O encontro foi rude e caímos no chão os dois, com barulho.

O meu inimigo tinha sido bem surpreendido e com o choque largou a arma. Senti as mãos enludadas apertarem-me a garganta.

Se ele se apossasse de novo da arma, então eu estava perdido se não lhe emterrasse nas costas o meu punhal.

(Continua)

ACTUALIDADES DO MUNDO

Página de
Luis Bonifácio

S U I Ç A



COLABORAÇÃO DA SWISSAIR

Fotos da Swissair e do autor — Colaboração do Centro Nacional Suíço de Turismo

Nota da Redacção

Temos o prazer de registar hoje a colaboração desinteressada de mais uma Companhia de Aviação: a SWISSAIR.

São, de facto, muito consoladoras, para nós, as facilidades concedidas pelas Companhias de Aviação, tanto em elementos, como fotografias, para ilustrarem a página de «Actualidades do Mundo».

Gratos, portanto, a todas as entidades que patrocinam e colaboram com o nosso amigo Luís Bonifácio.



Desembarque

dos reservatórios 20.860 litros; gasto por hora, cerca de 1.500 litros.

Viajar sem preocupações

Quando a gente parte para algures não deve — claro está — esquecer-se da bagagem, mas deve — isso, sim! — pôr de banda quantos

Conforto moderno a 6000 metros de altitude

Têm instalações luxuosas as cabinas dos modernos aparelhos DC-6B. As suas poltronas, confortáveis, de costas que, à vontade, se podem mais ou menos inclinar, fazem da viagem um

A CASA DO FUTURO

Dois engenheiros suíços construíram, no planalto de Rigi, a futura casa cuja sua principal característica é a ausência de paredes.

O teto, de grande volume, que assenta sobre quatro pilares, está dividido nos vários apartamentos que se deseja. A entrada para a casa faz-se por uma escada que liga o solo ao teto. O custo desta construção é de cerca de 300 contos.



A Caminho do Rigi

O Importante papel da Swissair

No desejo de oferecer aos seus passageiros um transporte sempre mais rápido e o maior conforto, a Swissair não perde nenhuma ocasião para modernizar o seu parque de aviões. Prosseguindo nesta sua política, o Conselho de Administração desta Companhia deliberou, em reunião de 30 de Janeiro último, encomendar dois aviões de longo curso Douglas D. C. — 8, de propulsão por jacto. A entrega destes dois aparelhos, que serão utilizados nas linhas intercontinentais mais importantes da referida Companhia, está prevista para o primeiro semestre de 1960. O valor total da encomenda, incluindo as peças sobressalentes necessárias, ascende a cerca de 70 milhões de francos suíços.

Os actuais Douglas D C-6 B, têm 4 motores Pratt Whitney de 2.535 CV cada um; de comprimento 32,46 metros; envergadura 36,81 metros; altura 8,74 metros; velocidade máxima 600 km. por hora; velocidade de cruzeiro 460 km. por hora; peso na descolagem 48.535 quilos; capacidade máxima

cuidados ainda o apoquentem.

Quem escolha a SWISSAIR deixa de ter incómodos, porque a sua organização excelente facilita-lhe tudo quanto é preciso para viajar bem, porque um pessoal apurado e competente põe-lhe ao alcance, a todo o momento, as mil pequenas coisas que tornam as viagens agradáveis e inolvidáveis.

Um paraíso para os amadores de bons pratos

A cozinha da SWISSAIR mantém briosamente a reputação da hotelaria suíça. Repastos e bebidas de primeira ordem servem-se com requintes de atenção e de amabilidade, durante os voos. Veja-se, como exemplo, a ementa dum das refeições dos passageiros de primeira classe, em viagem transatlântica.

Viajantes de qualidade

Um rapazinho, de nove ou dez anos, vai a fazer desenhos num álbum que lhe deu a hospedeira de bordo. Nem parece que está num avião. É como se estivesse em casa, tão despreocupado se mostra. A mãe trouxe-o ao aeroporto; uma tia espera-o à chegada; ocupa-se dele a hospedeira, durante a viagem... Lá adiante, um bebé dorme, tranquilamente, num berço posto à sua disposição pela SWISSAIR, enquanto os pais olham, ao longe, os Alpes, que se esfumam e desaparecem no horizonte...

verdadeiro prazer. Além disso a cabina, sendo estanca, permite ao piloto voar sobre o mau tempo, a grandes altitudes, sem que os passageiros sintam, por isso, a menor perturbação.

Tipicamente suíço

O trabalho suíço de precisão é conhecido no mundo inteiro como primoroso, como incomparável. Deram-lhe esta reputação os relógios, as máquinas, todos os instrumentos da marca suíça. Ora com a mesma exactidão, o mesmo cuidado e a mesma perícia com que esse trabalho se faz, se fazem — regularmente e rigorosamente — revisões a todos os aparelhos da SWISSAIR. O seu material é mantido, assim, em estado perfeito de conservação. Por isso os aviões da SWISSAIR estão sempre como se fossem acabados de fabricar — sempre novos.



Aspecto dos Rochers-de-Naye

TURISMO NO ROCHERS-DE-NAYE

Depois de visitar Lausanne parti para Montreux, onde me hospedei no Hotel Splendid. Aí recebi, no dia imediato, uma carta dirigida a «Monsieur Bonifácio — Journaliste» com a seguinte missiva acompanhada de um bilhete de ida e volta para Rochers-de-Naye:

«Avec les compliments de la Direction des chemins de fer Territet — Colion — Montreux — Colion e Colion aux Rochers de Naye».

Esta gentileza foi-me enviada por Sr. Jenny, Chefe do Serviço de Publicidade dos Caminhos de Ferro Montreux — Rochers de Naye.

Depois do almoço aí vou a caminhos dos... — Que maravilha de panorama!

Quando desembarquei só via gelo, montes de gelo. Aí fiz a primeira fotografia desta viagem.

Para aquecer o interior (e diga-se, de passagem, o exterior) tomei um chá no abrigo-restaurante e uns bolos que me souberam extraordinariamente bem. Coloquei «Skis» e dei uma espectacular «pirueta».

Como esse desporto não me agradou, voltei para o terraço do abrigo e aí estive a contemplar os desportis-

tas e as senhoras, vestidas apenas com *maillots*. Confesso que, para com os meus botões trocei, mas... ao fim e ao cabo eu já estava cheio de calor. Tirei o casaco, depois o colete e, por fim, já estava com as mangas da camisa para cima. A minha frente, só gelo.

No dia seguinte, como bom turista, visitei em Montreux o célebre Castelo de Chillon.

Lausanne

«Terei muito gosto em representar em Portugal»

Afirmou a actriz
Christianne Chantal

Pelas 23,45 saímos do Teatro Municipal de Lausanne, depois de ter assistido ao espectáculo, cujo primeiro papel feminino foi distribuído à encantadora actriz Cristianne Chantal.

Antes já eu a tinha visitado no seu camarim, com a autorização superior do Director do Teatro.

...E ela combinou comigo: — Tenho muito gosto em lhe dar uma entrevista. Pela meia noite estarei no restaurante «Chat Nair».

Christianne Chantal acabava de entrar no «Chat Nair», tendo sido recebida com uma salva de palmas e, não sei porquê, com um «Olé!», talvez influências Castelhanas...

Christianne dirigiu-se à mesa onde eu estava para a entrevista relâmpago. Falámos, conversámos e discutimos «coisas e coisas» de Teatro.

...E disse-me a actriz: — «O Teatro é para mim uma arte maravilhosa que ocupa, na minha vida, o primeiro lugar».

— O que gostaria de ser, sem ser artista?

— «Só artista! Nasci para o Teatro, amo o Teatro, sinto o Teatro, vivo para o Teatro».

— Gostava de representar em Portugal?

— «Quem me dera. Todos os artistas me dizem que os portugueses acolhem maravilhosamente os estrangeiros. Espero apenas a oportunidade».



Almoço a bordo e... três sorrisos